



## Uma *economimesis* descontrolada e despudorada: Costa Lima, Borges e a sociologia

## An uncontrolled and shameless *economimesis*: Costa Lima, Borges and sociology

Breno Anderson Souza de Miranda<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Em um juízo crítico que atualiza projeções kantianas, Costa Lima e Borges, na periferia, tentam dimensionar as perdas e ganhos do que restou da teoria, após as catástrofes que tentaram demolir a *mimesis*, em crises de legitimação de toda (des)ordem que varreram o século XX. Entretanto, suas vias de resistência ética, em nosso recorte, dificilmente saneiam as gretas dilaceradas do fictício inflacionário, em um preciosismo um tanto quanto determinista ou indexador da moralidade que não vem ao acaso. Tentam assim outro giro. A conhecidíssima recusa do confinamento da *mimesis* à *imitatio* da Verdade em Costa Lima, aliada ao outro realismo em Borges, não cristalizam o jogo formal, e querem atravessar os limites valorativos da ficção, questionando o sublime de um existencialismo subalterno e, ao mesmo tempo, o mito da objetividade de nossa miséria material. O que se pretende então em tese? Entre a esterilidade da "jaula de aço" de um fundo moral alienante (a própria impossibilidade da arte) e o prazer estético do horror, entre rusgas e pretensos acordos econômicos, buscar-se-ia algum meio de interlocução na teoria crítica, e nem tanto uma supervalorização putativa do que se quer redenção na fôrma sociológica.

**Palavras-chave:** Jorge Luis Borges; Luiz Costa Lima; *mimesis*; sociologia.

**Abstract:** In a critical judgment that updates Kantian projections, Costa Lima and Borges, in the periphery, try to measure the losses and gains of what was left of the theory, after the catastrophes that tried to demolish the *mimesis*, in crises of legitimation of all (dis)order that swept the 20th century. However, their ways of ethical resistance, in our view, hardly heal the lacerated cracks of the fictitious inflation, in a preciousity that is somewhat deterministic or indexing of morality that does not come by chance. So, they try another turn. The well-known refusal to confine *mimesis* to the *imitatio* of Truth in Costa Lima, combined with another realism in Borges, don't crystallize the formal game and attempt to cross the evaluative limits of fiction, questioning the sublime of a subaltern

existentialism and, at the same time, the myth of the objectivity of our material misery. So, what is intended in theory? Between the sterility of the “steel cage” of an alienating moral background (the very impossibility of art) and the aesthetic pleasure of horror, between raids and alleged economic agreements, some means of interlocution should be sought in critical theory, and not just a putative overvaluation of what is wanted to be redeemed in the sociological form.

**Keywords:** Jorge Luis Borges; Luiz Costa Lima; mimesis; sociology

### *À Graci Ravetti (in memoriam)*

#### Preâmbulos sociológicos

E sabemos que um pouco depois, quando, sob pressão de Glauco, Sócrates parou de sonhar com a pobreza ideal da sua cidade primitiva, vendo-se obrigado a encarar um Estado “real”, é com um acompanhamento do cortejo dos flagelos da economia de mercado (moeda, bens de consumo, prostituição, multiplicação de ofícios, violência intestina e interior, etc.) que a mimese foi imediatamente introduzida – a multidão de imitadores, pintores e escultores, poetas e rapsodos, atores, dançarinos, agentes de teatro, maquiadores e fabricantes de bugigangas femininas. A mimese terá sempre sido um problema econômico, um problema de economia (LACQUE-LABARTHE, 2000, p. 118).

Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço {na célebre tradução de Parsons: *iron cage* = jaula de ferro}. No que a ascense se pôs a transformar o mundo e a produzir no mundo os seus efeitos, os bens exteriores deste mundo ganharam poder crescente e por fim irresistível sobre os seres humanos como nunca antes na história. Hoje seu espírito – quem sabe definitivamente? – safou-se dessa crosta. O capitalismo vitorioso, em todo caso, desde quando se apoia em bases mecânicas, não precisa mais desse arrimo. Também a rósea galhardia de sua risonha herdeira, a Ilustração, parece definitivamente fadada a empalidecer, e a ideia do “dever profissional” ronda nossa vida como um fantasma das crenças religiosas de outrora. A partir do momento em que não se pode remeter diretamente o “cumprimento do dever profissional” aos valores espirituais supremos da cultura – ou que, vice-versa, também não se pode mais experimentá-lo subjetivamente como uma simples coerção econômica –, aí então o indivíduo de hoje quase sempre renuncia a lhe dar uma interpretação de sentido (WEBER, 2004, p. 305. O trecho entre chaves {} é um acréscimo do editor).

A *economimesis* da qual fala o título não se refere apenas a uma projeção exterior à textualidade, e insere-se, pois, nas configurações da própria epistemologia crítica no trato dos objetos teóricos — isto é, a busca pela mimesis não está de forma alguma separada das

construções da materialidade econômica na contemporaneidade, dentro e fora do texto. Costa Lima e Borges são teóricos tão distintos quanto às vezes incomparáveis, contudo, propomos que o argentino o convide a dialogar sobre a aproximação teórica à *economimesis*<sup>1</sup>. Mas deixemos para depois, porque agora, as metas vêm a ser mais científicas.

A sociologia foi a grande mãe das ciências humanas quando elas se institucionalizaram no século XIX. Ancorada em preceitos das ciências físicas e biológicas, forneceu, como nenhuma outra, rigor às disciplinas que iniciavam a afirmação científica de seus métodos, como a história. E ela seguiu nessa trajetória sem muitos arranhões por muito tempo, mesmo após a crise da razão e da narrativa que a pós-modernidade instaurou nas ciências humanas. Afirmamos, para início de conversa, que o sociólogo francês Pierre Bourdieu está nesse mesmo compasso. Ao propor, dentre outras, sua sociologia da cultura, da arte e dos intelectuais, ele esteve cada vez mais ciente que sua metodologia permitia reconstruir um mundo socialmente interrelacionado, empiricamente orientado, sem muitas desconstruções visíveis. Entretanto, o pensamento de Bourdieu não é tão determinista como vem a parecer, o que não iremos aprofundar aqui. Que fique relatado, brevemente, sua grande complexidade, principalmente em questões concernentes ao monopólio institucional do poder simbólico presente nas canonizações dos grandes nomes da arte, na recusa às ontologias metafísicas desprovidas de laços com a realidade, após duríssimas críticas, por exemplo, à ontologia de Heidegger, considerada por ele como reacionária; e, como leitor de Weber, não podemos esquecer seus projetos de desmistificações das religiões dos intelectuais, com seus deuses e mandarins seletos e dominadores, e também a coragem de investigar as “manipulações típicas da ascese mística” [termo de Weber] escondidas em um proclamado negacionismo econômico do mundo.

É a partir dessa teoria, que o sociólogo da arte da Universidade de São Paulo, orientando de Bourdieu, Sergio Miceli, lançou em 2012 em São Paulo e na Argentina, o livro *Vanguardas em retrocesso*, que contém um ensaio dedicado a Borges, parcialmente publicado em outros meios acadêmicos. O Borges de Miceli não poderia jamais aproximar-se do intelectual controlador de Costa Lima. Em alguns poucos porquês, devido ao fato que o mito portenho se apresenta desespiritualizado no sociólogo, afundado no conservadorismo já na juventude, como uma marionete de uma elite reacionária que se afincaria em tradições

---

<sup>1</sup> O convite precisa ser de mão única? Obviamente, o teórico brasileiro já se deteve sobre a economia borgiana (COSTA LIMA, 2007, p. 683-723).

hispânicas da forma, contra a inflação crescente de uma pulsante oralidade advinda das levas imigratórias anarquistas. O jovem Borges ressuscitaria o horror da tradição civilizatória em sua conformação *criollista*, a favor de uma ideologia de dominação, não apenas estética, mas sobretudo econômica. “Essa primeira década como escritor ferozmente produtivo evidencia a meta de assumir a dianteira como ideólogo traquejado, capaz de viabilizar a redenção dos valores conservadores, sob pena iminente de serem desfibrados” (MICELI, 2012).

Esse entendimento é limitado para a complexidade da *economimesis* em Borges, apesar da atenção sociológica à potencialização sublime e globalizante no jovem Borges, algo próximo à *antiphysis* concedida por Costa Lima. Contudo, se for possível chegar a Borges via sublime, isso dar-se-ia aqui, mais uma vez, pela explícita recusa ao “controle do imaginário”, mesmo em Borges, exímio controlador da expressão irrealista, como aponta Costa Lima. Ao falar de Cervantes, creio que Costa Lima poderia estar percorrendo sobre nosso Borges: “Se a concessão ao louco é uma ficção legitimada, ao transgredi-la Cervantes engendra uma ficção denunciadora dentro da ficção acomodatória” (COSTA LIMA, 2007).

Se Borges diz em “*El arte narrativa y la magia*”: “*He distinguido dos procesos causales: el natural, que es el resultado incesante de incontables e infinitas operaciones; el mágico, donde profetizan los pormenores, lúcido y limitado. En la novela, pienso que la única posible honradez está con el segundo*” (BORGES, 1974 (c), p. 232)<sup>2</sup>, procuraremos contrariá-lo um pouco. Para isso recorreremos, sempre que possível, à *Teoria Estética* de Adorno, como um dos principais trabalhos sobre o comportamento da arte em experiências de horror. Costa Lima incomoda-se com a dialética da *Teoria Estética*, como metafísica, e mesmo como uma analítica, que não estaria, portanto, à altura dos ensaios de Wolfgang Iser sobre a antropologia estética. Mas ainda acreditamos que o “marxismo heterodoxo” de Adorno [termo de Costa Lima], principalmente no que critica e absorve de Kant, vem a ser algum instrumental para que se busque entender a *economimesis* de Borges. Não apenas porque o argentino discorra também sobre o Belo natural, mas, sobretudo, devido à grande valorização do horror sublime, que salta à vista em sua ficção, o que seria incontornável (dialeticamente!) pela grande força da dominação da natureza também exposta. Dominação

---

<sup>2</sup> Distingui dois processos causais: o natural, que é o resultado incessante de incontáveis e infinitas operações; o mágico, no qual profetizam os pormenores, lúcido e limitado. No romance, penso que a única honestidade possível está com o segundo (BORGES, 1974 (c), p. 232).

essa que é arquivo da barbárie para a própria narrativa despudorada da história da Argentina e do Ocidente escrita ficcionalmente por Borges (BORGES, 1974 (a), p. 754-756).

Não se trata necessariamente de perceber Borges pela desvinculação absoluta com o Belo, visto que não queremos destroná-lo da categoria de ícone *pop* do estilo conservador, lugar conquistado a duras penas, e onde se sentia muito bem. Nossa intenção é expandir o foco para os aspectos da economia política na obra borgiana, procurando tratá-la, a partir de Costa Lima, em seu momento de luta pelos controles dos meios de produção estéticos populares, imaginários ou morais de uma mimesis que fugiria da “jaula de aço” das representações de uma ética elitista, como quer Sergio Miceli.

As obras de arte são negativas *a priori* em virtude de sua lei de objetivação: causam a morte do que objectivizam ao arrancá-lo à imediatidade da sua vida. A sua própria vida alimenta-se da morte. Isso define o limiar qualitativo para a modernidade. [...]. Sem a adição do veneno, virtualmente a negação do vivo, o protesto da arte contra a opressão da civilização seria uma consolação impotente. [...]. A arte é forçada a isso pela realidade social. Embora se oponha à sociedade, não é, contudo, capaz de obter um ponto de vista que lhe seja exterior; só consegue opor-se ao identificar com aquilo contra que se insurge. [...]. Só em virtude do seu elemento mortal é que participam na reconciliação (ADORNO, 2012, p. 154-155).

## Giro weberiano

O caminho pensado por Max Weber para dar à mente do intelectualista ou do sacerdote religioso seu mais árido chão, e retirar qualquer escapatória que possa estar escondida detrás da ascese da magia, pode assim desvendar como se constituíram determinismos para a forma na historiografia da literatura latino-americana, e ao mesmo tempo, escancarar os limites dessa labuta. Neste foco, interessam os aparatos de uma sofisticada trama objetivista em meio ao construto estético ligado à edificação econômica de realismos. Marcam-se valores e virtudes para um controle efetivo dos artefatos que propiciariam a abstração transcendental, justamente através de um controle ainda mais restritivo da escassa materialidade da riqueza. As minúcias místicas das distantes Índia e China, e mesmo as comunidades cristãs ocidentais são, nas análises weberianas, cada vez mais terrenas, e se mostram como espaço por excelência para o estudo das desmistificações de um sublime que se retroalimenta o tempo todo de uma exploração imediatista.

E se aproximarmos o foco dessa metodologia econômica a um território ainda mais familiar? Não estranharia se aqui, na América Latina, pudesse ocorrer uma formalização bruscamente semelhante, talvez, correto dizer, em um naturalismo tão bem entrelaçado a tantos horrores. O que podemos perceber, desde que se formaram os interesses das comunidades simbólicas, em aguerridas disputas políticas pela propriedade dos misteriosos poderes da ascese, da redenção e da glória, em uma temporalidade retroativa às velhas fundações nacionalistas dos populismos republicanos. Em nossa historiografia literária, as tentativas frustradas de servidão da literatura à história social podem assemelhar-se a um eterno retorno dessa economia predatória — mesmo que venha a ser alto o custo da novidade do velho drama da ficcionalização da objetividade.

E se ampliarmos a escala e a temporalidade, e observarmos os meandros da fabricação econômica da inflação imaginária hodierna, ao lidar necessariamente com um prontuário industrializável em massas? E se, depois de tudo, a estética tiver ainda um fundo invisível de interseção com os mistérios e a magia? Entrariam nessa fatura cósmica os saldos da violência da autonomia, das traições ao objeto e do alto custo para se inserir a artificialidade em um papel-moeda materialista de valor irrisório? A economia arriscaria, mais uma vez, determinar ou libertar a escassez desse objeto teórico tão raro nessas terras, como enfatiza o tempo todo Costa Lima?<sup>3</sup> Este problema vem à tona, porque queremos aproximar a afirmação libertária da autonomia borgiana a um consequente horror amoral que recusaria um situacionismo meramente sociológico.

Para essa meta, vamos lançar mão de situações realistas e econômicas da mimesis na mesma ocupação, paralela e comunicante, ao espaço um tanto quanto expansivo e dominador, que a autonomia de uma utópica realização do efeito estético também possa reivindicar na ficção de Borges. Começemos então, pelo que a tarefa científico-weberiana de desvendar a racionalidade inserida no desencanto das elites, outrora belo e intocável, possa contribuir aos estudos de uma possível *economimesis* no escritor argentino.

---

<sup>3</sup> “[...] Já tendo Borges publicado alguns de seus livros mais notáveis – *Historia universal de la infamia* (1935), *Historia de la eternidad* (1936), *Ficciones* (1944), *El Aleph* (1949) –, um certo Juan Carlos Portantiero estampou o portentoso comentário: “Borges es, concientemente, el proveedor literario de toda una elite, mas o menos vinculada con nuestra vacunocracia” (Portantiero, J. C., 1955: 84). As observações acima reunidas bastam para entender-se a posição do intelectual dos trópicos, não só fora de seu país como em sua própria sociedade”. (COSTA LIMA, 2013, p. 101).

Não apenas a *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, mas toda a sociologia da religião de Weber é importante para compreendermos o porquê de nosso destaque à “jaula de aço” da forma econômica em Borges, contrariando uma leitura mais festiva do “progressismo” autonomista. Em nossa hipótese, a magia econômica em Borges estaria entre a autonomia do zen budismo e o horror do gnosticismo aventado por Costa Lima em *Aproximação de Jorge Luis Borges*. Imagina-se a estética borgiana como subalterna e sobrevivente, além da sociabilidade estética da revista *Sur* ante os ataques das epistemologias sociológicas, principalmente as de matriz materialista, muito fortes por um longo período nos contextos intelectuais argentino e latino-americano. Talvez, no contexto latino-americano, a estética de Borges fora vítima de ataques moralistas parecidos aos que Heidegger sofreu no contexto europeu, acusada de mero instrumento de alienação em amplo espectro de conservadorismo político.

Para a estética de Borges, tanto a metafísica como as cosmovisões teológicas ganham enorme valor de fantasia, e a teologia budista era uma de suas preferidas. Ali, encontrar-se-ia a síntese ideal para a proliferação, em larga escala, da autonomia, na qual cada criador não buscaria dominar o misticismo estético do outro através das maquinações que fazem perpetuar o controle do imaginário na eternidade cíclica. Entretanto, haveria alguma criação borgiana que coloque em evidência a dessublimação dos traçados realistas nos espelhos autonomistas da estética budista? Ou, como o outro dessa cosmovisão, isto é, como o horror gnóstico sobreviveria aos assédios realistas de uma tradição literária dialética, mais comumente ligada às esquerdas? Seria possível um Borges economicista à sua maneira? Sem sustentar qualquer forma de proselitismo artístico, religioso ou mundano, mas que não deixe de estetizar a economia predatória nas relações de produção do valor literário, sejam essas morais ou não? Incomum na fortuna crítica sobre Borges, apontamos alternativas de produção mimética em lugares pouco visitados, isto é, nas profundezas de um submundo materialmente ignorado.

Toda religiosidade de redenção, quando sublimada, olha exclusivamente para o sentido e não para a forma das coisas e das ações relevantes para a salvação. A forma, a seu ver, acha-se rebaixada ao nível do que é acidental, do que é próprio das criaturas, do que nos distrai do sentido. Por parte da arte, a relação franca pode mesmo, na verdade, manter-se intacta ou renovar-se permanentemente, enquanto e sempre que o interesse consciente do recipiendário se prenda ingenuamente ao conteúdo daquilo que tomou forma, e não à forma meramente como tal; e também enquanto

a produção do criador artístico for sentida ou como carisma (originalmente, mágico) da capacidade ou como um jogo livre. No entanto, o desenvolvimento do intelectualismo e a racionalização da vida modificam esta situação. A arte constitui-se, então, como um universo de valores próprios e autônomos, apreendidos de modo cada vez mais consciente (WEBER, 2006, p. 338).

Que forma de autonomia poderia acontecer na economia de um escritor tido como pouco afeito às coisas do mundo? Poderia estar ligada ao horror, enquanto utopia da realização ética, que lutaria contra a economia predatória de uma canonização fiduciária da crítica? Em Borges, faz-se necessário desconfiar de qualquer fossilização da linguagem, e o leitor é convidado a entrar nessa bolsa de valores e a desconfiar de toda pressuposição de propriedade privada no conhecimento especulativo. Se há algum controle da determinação objetiva nesse jogo de apostas, a sair do confinamento estéril, só poderia realizar-se porque a manipulação da verdade não estaria escondida em recanto labiríntico algum. A arte em Borges não é uma reescrita do platonismo nas Américas, que expulsasse da *República* todo e qualquer terror macabro (INFANTE, 2011, p. 87-97). Já distantes da reprodutibilidade insana da crítica francesa dos anos 1960-1970, podemos perceber, com certo distanciamento, como a *oikonomia* (o que entra e o que sai, o segredo da chave do cofre, o que rende mais ou menos) do labirinto ficcional borgiano tende a ser administrada por realismos que fogem ao Belo da justa medida. A arte não é somente fruto da linguagem, nem em Borges, e essa dádiva do céu, outrora fonte inesgotável da fortuna crítica, que teria saneado por completo a problemática da crise da representação, já secou faz tempo.

### **A *economimesis* descontrolada no formalismo conservador de Borges**

O Borges de Luiz Costa Lima vem a ser uma das figuras mais intrigantes da crítica latino-americana, justamente pela percepção apurada das diversas camadas de uma intensa movimentação moral e valorativa que envolve a estrutura formal de um *oikos* narrativo sobremaneira condensado no conto, mas tão labiríntico ou espelhado quanto em um bom romance de infinitas páginas. Borges nutria um conhecidíssimo desprezo pelas narrativas longas, pois, como poucos, tinha um poder de criação quase exato, altamente calculado, mas repleto de aberturas ("frestas"), proporcionadas pela *economimesis* geralmente despercebida na aparente semelhança das figurações.

Sim, mas daí não deriva que todos os tigres ou todos os carvalhos tenham de ser idênticos entre si. Ou seja, já na geração das espécies a estabilidade absoluta admite variações. Não é o mesmo que sucede na passagem da *Poética* sobre as reações antagônicas ante uma cena horripilante e a imagem prazenteira do que naquela causava horror? Entre a imobilidade de Deus e a falta de lugar para o homem, há uma relativa dinâmica na geração propriamente dita e na diferença de cenários – o ver natural e o ver do *mímema*. [...]. No questionamento da *mimesis*, acentuarei que ela é produto da tensão entre dois vetores discordantes “semelhança” e “diferença” (COSTA LIMA, 2013, p. 111).

Um dos maiores ícones da pós-modernidade ocidental, Borges é um escritor das massas e das ruas. Deleuze capta muito bem esse espírito Paris 1968 em *Logique du Sens* (DELEUZE, 1969), entretanto, a diferença do paradoxo francês na superfície do significante, desconstrutora de fenomenologias engessadas, tende a afunilar a *economimesis* do argentino no reflexo da ordem moral das narrativas utópicas<sup>4</sup>, ainda muito centrípeta para a estética do horror do argentino, mesmo após o incrível avanço da positividade do entre-lugar de Silviano Santiago.

Jacques Derrida, a partir de Kant, tenta materializar o sublime intocável do absoluto, aproximando-o da antropologia do mundano na teorização da *economimesis*: “*liberal art ought thus to be able to use mercenary art (without touching it, that is without implicating itself); an economy must be able to utilize (render useful) the economy of work*” (DERRIDA, 1981, p. 6)<sup>5</sup>. Se há uma lei (ordem) fundamental para o sustento da estrutura do *oikos*, o comércio dos diferentes valores do *mímema* comparece no imaginário do Belo: “*Being a reflective exchange, universal communicability between free subjects opens up space for the play of the Fine-Arts. There is in this a sort of pure economy in which the oikos, what belongs essentially to the definition of man, is reflected in pure freedom and pure productivity*” (*Ibidem*, p. 9 grifos nossos)<sup>6</sup>. A mirada antropológica de Derrida, como em Costa Lima, desconfinava a *mimesis* da *imitatio* de qualquer determinação para o valor moral do belo naturalista ou da paralisia do desinteresse elitista. Não pretendemos aqui aprofundarmos nas estruturas de outros comércios derridianos através das (não)representações baixas, por exemplo, do nojo, do gosto duvidoso, da violência e do obscuro. Se entrássemos por esse viés negativo, ficaria

<sup>4</sup> Para Borges utopista conferir: (PREMAT, 2020, p. 149-165).

<sup>5</sup> Arte liberal deve, portanto, ser capaz de usar arte mercenária (sem tocá-la, isto é, sem se implicar); uma economia deve ser capaz de utilizar (tornar útil) a economia do trabalho (DERRIDA, 1981, p. 6).

<sup>6</sup> Sendo uma troca reflexiva, a comunicabilidade universal entre sujeitos livres abre espaço para o jogo das Belas-Artes. Há nisso um tipo de economia pura em que o *oikos*, que pertence essencialmente à definição de homem, está refletido em pura liberdade e pura produtividade (*Ibidem*, p. 9 grifos nossos).

uma sugestão para uma tentativa de aproximação de Borges ao hegelianismo dialético, que não deixamos de esboçar acima pela *Teoria Estética* de Adorno<sup>7</sup>; e, como Derrida parece sugerir, não podemos perder totalmente de vista: “*When Hegel reproaches the third Critique for staying the level of the ‘you must’, he very well evinces the moral order which sustains the aesthetic order*” (*Ibidem*, p. 13)<sup>8</sup>.

Mas não queremos um Borges hegeliano, longe disso. Aqui, só queremos enfatizar que o que se fixou como paradoxo deleuziano, apropriado sobretudo de Lewis Carroll e Borges, seria insuficiente para uma abertura maior ao terror das frestas da *economimesis* em uma estruturação quase perfeita da ordem formal. Melhor dito, a teoria crítica adorniana sugeriria novos instrumentos para o estudo dessa natureza bárbara nada invisível. Talvez alguma dialética entre um paradoxo desconstrucionista e o naturalismo não caia tão mal à recepção brasileira, ainda muito familiarizada com o Borges parisiense das décadas de 1960 e 1970. Por isso, não descartaríamos também o materialismo de Weber, mas por vias opostas à ética puritana e negacionista da sociologia de Sergio Miceli. “O quanto há de irracional numa conduta de vida em que o ser humano existe para seu negócio e não o contrário” (WEBER, 2004, p. 62). A *economimesis* em Borges não pode ser engolida pela *imitatio* estéril da reprodutibilidade em massa de certa máquina asséptica da crítica pós-moderna, e outra história despudorada da literatura pode ser reescrita. Borges, por exemplo, menosprezava o estilo solene do pudor da história idealista narrada por Goethe, um de seus maiores desafetos de estilo (ALMEIDA, 2012, p. 3-25). O que não significa que daríamos as costas à ética faustiana do sublime econômico, tão cara a Borges e Costa Lima, capaz de criar riqueza teórica a partir do nada quase desértico do pensamento latino-americano. “Mas em que consiste essa magia, e quais são os instrumentos que podem criar papel-moeda, isto é, valor, a partir do nada?” (FRANCO, 2011, p. 64).

### Uma imagem da *economimesis* em Borges

<sup>7</sup> Costa Lima, contudo, parece chamar atenção que, na teorização, os especialistas brasileiros em Adorno e Machado de Assis não desenvolveram aspectos caros à dialética negativa que tanto prezam, como por exemplo, uma análise que desse conta da relação entre a teoria da autonomia da música no alemão e a ficcionalidade realista no *Bruxo* brasileiro (COSTA LIMA, 2009, p. 1-73).

<sup>8</sup> Quando Hegel censura a *Terceira Crítica* por manter o nível do “você deve”, ele evidencia muito bem a ordem moral que sustenta a ordem estética (DERRIDA, 1981, p. 13).

Para finalizar, esboçaremos uma introdução à essa imagem da *economimesis* vislumbrada nas páginas anteriores de nossa argumentação, tentando alguma comunicação entre a autonomia estética do belo budista e a sátira ao vale tudo da artificialidade da economia moderna, ao totalitarismo e à ordem absolutista da forma em *La lotería en Babilonia*, a partir da *mímesis* em Luiz Costa Lima.

Dissemos que cada encarnação determina a subsequente; esta determinação constitui o que as escolas filosóficas da Índia chamam de *karma*. A palavra é sânscrita e vem da raiz *kri*, que *significa "fazer" ou "criar"*. O *karma* é obra que incessantemente estamos urdindo; todos os atos, todas as palavras, todos os pensamentos – *quicá todos os sonhos* – produzem, quando o homem morre, outro corpo (de deus, de homem, de animal, de anjo, de demônio, de condenado) e *outro destino*. Se o homem morre com um ardente desejo de vida, seu coração torna a encarnar, como se ao morrer plantasse uma semente. Radhakrishnan definiu o *karma* como a *lei da conservação da energia moral*. Também podemos considerá-lo como uma *interpretação ética da lei da causalidade*; em cada ciclo do universo as coisas são obras dos atos humanos, que criam montanhas, rios, planícies, lamaçais, florestas. *Se as árvores dão frutos e se o trigo cresce nos campos, isto ocorre graças aos méritos dos homens*. De acordo com esta doutrina, *a geografia é uma projeção ética*. O *karma* funciona de *um modo impessoal*. Não existe uma *divindade de tipo jurídico* que distribui castigos e recompensas. [...]. Pelo simples fato de ser um substantivo, a palavra *karma* sugere *uma entidade autônoma*, mas convém que ele é tão-somente uma propriedade dos atos, que segundo a índole destes – inevitavelmente produzem consequências adversas ou felizes. *Karma é a lei do universo*, mas não foi promulgada por um legislador nem é aplicada por um juiz. Sua operação é inexorável, e pode-se ler no *Dhammapada*: “Nem no céu, nem na metade do mar, ou nas fendas mais profundas das montanhas existe um *lugar em que o homem possa libertar-se de uma ação perversa*. A crença no *karma* ensina as pessoas a *aceitar com resignação as desventuras*. [...]. Na Índia, a fé na transmigração é tão profunda que não ocorreu a ninguém demonstrá-la contrariamente como ocorre na cristandade, que *abunda em provas*, sem dúvida irrefutáveis, da existência de Deus”. (BORGES; JURADO, 1977, p. 48-49 grifos nossos).

Como na sociologia da religião de Weber, a ética budista em Borges é baluarte autonomista da fantasia, o que não evita as cristalizações das ações perversas na forma. A positividade da lei da criação do universo não foi suficiente para a conservação da energia moral dos sonhos utópicos, e a geografia do destino pode ser totalitária, imaginada no espelho de uma barbárie naturalizada, uma vez que a natureza em Borges são “obras dos atos humanos”. Em *La lotería en Babilonia*, como lembra Beatriz Sarlo, a escrita da história para Borges é um pesadelo sem fim que estetiza a dinâmica dos jogos (BALDERSTON, 2012, p. 155-165) e a artificialidade do valor econômico desvinculado da mais-valia do trabalho teórico, onde o azar realista não controla apenas a morte, mas determina quanto não valeria

nada a própria sobrevida no relato. *"No es difícil leer este relato como alegoría de un totalitarismo, cuyas determinaciones secretas definen la vida. El nombre de Kafka aparece en el texto, cuando el narrador recuerda que los babilonios dejaban sus notas de reclamo sobre los sorteos en una letrina sagrada llamada Qaphqa"* (SARLO, 1992, p. 18)<sup>9</sup>. Nesse denso conto, toda a narrativa funciona como "cárceles"<sup>10</sup> para o mostruário da invisibilidade do pária social ou "hombres velados": *"durante un año de la luna, he sido declarado invisible: gritaba y no me respondían, robaba el pan y no me decapitaban"* (BORGES, 1974 (b), p. 456)<sup>11</sup>. O narrador borgiano tenta (des)controlar as expectativas realistas do leitor nos dois lados da moeda: para os que acreditam em um controle prévio do ficcional, pois tudo o que leem não passaria de irreabilidade, são desenganados, uma vez que *"la lotería es parte principal de la realidad"* (*Ibidem*); e para os que atravessam o espelho armados de domínios realistas que proporcionariam a verossimilhança, também são desenganados pelo narrador borgiano, pois seu referencial valeria muito pouco para a *economimesis* daquele lugar: *"Refería (ignoro si con verdad) que los barberos despachaban por monedas de cobre rectángulos de hueso o de pergamino adornados de símbolos. En pleno día se verificaba un sorteo: los agraciados recibían, sin otra corroboración del azar, monedas acuñadas de plata. (Ibidem)"*<sup>12</sup>. Para a história econômica que nos interessa, *"su virtude moral era nula [...] Por lo demás, nada tan contaminado de ficción como la historia de la Compañía..."*. Diferente de Foucault, o leitor borgiano mais banal não se assusta com o exotismo de distantes China ou Índia imaginárias,

<sup>9</sup> Não é difícil ler esse relato como alegoria de um totalitarismo, cujas determinações secretas definem a vida. O nome de Kafka aparece no texto, quando o narrador recorda que os babilônios deixavam suas notas de reclamação sobre os sorteios em uma latrina sagrada chamada Qaphqa (SARLO, 1992, p. 18).

<sup>10</sup> *"For Weber, the steel shell is symbol of passivity, the transformation of the Puritan hero into a figure of mass mediocrity"* (BAEHER, 2001, p. 164). Para Weber, a jaula de aço é símbolo da passividade, a transformação do herói puritano em uma figura da mediocridade das massas. (BAEHER, 2001, p. 164). A forma rígida do conto assemelha-se ao que entendemos por "jaula de aço" em "A Ética Protestante e o espírito do capitalismo", talvez a metáfora mais pessimista e poderosa já usada por um sociólogo. Como analisa Michael Löwy, "ele exprimiu uma visão radicalmente crítica e bastante pessimista do presente e futuro da civilização moderna" (LÖWY, 2014, p. 47). Entretanto, o anti-herói borgiano não é o passivo de direita mesmo no interior do cárcere formal irrealista. Na teoria de Costa Lima, seria um poderoso agente da potência mimética.

<sup>11</sup> Durante um ano da lua, fui declarado invisível: gritava e não me respondiam, roubava o pão e não me decapitavam (BORGES, 1974 (b), p. 456).

<sup>12</sup> Referia (ignoro se com verdade) que os barbeiros trocavam por moedas de cobre, retângulos de osso ou de pergaminho adornados de símbolos. Em pleno dia verificava-se um sorteio: os agraciados recebiam, sem outra confirmação de azar, moedas cunhadas de prata (*Ibidem*). *"Credit, or belief, involves the ground of aesthetic experience, and the same medium that confers belief in fiduciary money (bank notes) and in scriptural money (accounting records and money account, created by the process of bookkeeping) also seems to confer it in art"*. (SHELL, 1999, p. 53-54). Crédito, ou crença, envolve o fundamento da experiência estética, e o mesmo meio que confere crença no dinheiro fiduciário (notas bancárias) e no dinheiro escritural (registros bancários e conta corrente, criados pelo processo de escrituração) também parece concedê-lo na arte (SHELL, 1999, p. 53-54).

repletas de seres fantásticos de não sei quantas cabeças, como dissemos no início do artigo, mas com a *economimesis* de uma barbárie compartilhada na face a face com o mesmo, ou no lado a lado com um *oikos* mais próximo possível.

Para concluir, veremos se a fé estética realmente ensina religiosamente “as pessoas a aceitar[em] com resignação as desventuras” que controlariam a *economimesis*. “Para o budista, **os conceitos de transmigração e de karma** são inseparáveis e há quem os considere como as **duas faces de uma mesma moeda**. Para o ocidental, o conceito de transmigração é claro, ou parece claro à primeira vista, enquanto o de karma lhe soa arbitrário e difícil” (*Ibidem*, p. 50). Costa Lima propõe então um profundo mergulho a contestar o artifício arbitrário que cunhara e confinara a tal “moeda borgiana” em uma metafísica cármica que dera as costas a seu gnosticismo mais que aparente; e receita uma profilaxia que resumiríamos mais ou menos assim: se você acredita que não há saída do pesadelo ficcional/realista, melhor seria se tomasse mais pesadelos:

Pois a *antiphysis* não é redentora. Nada dela mais afastado que sua identificação com um *paradis artificiel*, como a forma passiva do imaginário que é a fantasia. Se, para os gnósticos, a realidade humana ainda continha uma mistura, em que à crassa matéria se aglutina uma centelha divina, na elaboração borgiana do mito gnóstico, a *antiphysis* promove fantasmas, simulacros, um real instável e enganador. A *antiphysis* radicaliza o pesadelo. Converte-o em experiência fundamental. (COSTA LIMA, 2007, p. 714).

Engolir Borges nunca foi tarefa fácil para os moralismos críticos, mas já passou da hora de aceitarem em 2022 que a face horrível desse “Bruxo” argentino está longe de sair de cena. Mesmo que haja arbítrio a controlar a transmigração da mimesis na experiência estética, como largamente ensinou Costa Lima, sobreviveremos em nossas míseras folhas de papel-moeda que se querem valorizadas teoricamente.

## Referências

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2012.

ALMEIDA, Iván. **Goethe y la trastienda de “El pudor de la historia”**. Variaciones Borges, Pittsburgh, 34, p. 3-25, 2012.

BAEHER, Peter. The “Iron Cage” and the “Shell as hard as steel”: Parsons, Weber and the gehäuse metaphor. *in*: “The protestant ethic and the spirit of capitalism”. **History and Theory**, Middletown, USA, vol. 40, n. 2, p. 153-169, 2001.

BALDERSTON, Daniel. **The theory of games and genetic criticism**: on the manuscript of "La lotería en Babilonia". *Variaciones Borges*, Pittsburgh, 36, p. 155-165, 2013.

BORGES, Jorge Luis. El pudor de la Historia. *In*: BORGES, Jorge Luis. **Otras Inquisiciones**. Obras Completas 1923-1972. Buenos Aires, 1974 (a), p. 754-756.

BORGES, Jorge Luis. La lotería en Babilonia. *In*: BORGES, Jorge Luis. **Ficciones**. Obras Completas 1923-1972. Buenos Aires: Emecé, 1974 (b), p. 456-460.

BORGES, Jorge Luis. El arte narrativo y la magia. *In*: BORGES, Jorge Luis. **Discusión**. Obras Completas 1923-1972. Buenos Aires: Emecé, 1974 (c), p. 226-232.

BORGES, Jorge Luis; JURADO, Alicia. **Buda**. Trad. Cláudio Fornari. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1977.

CASTANY PRADO, Bernat. **Terror cognoscitivo y terror metafísico en los relatos de Jorge Luis Borges**. Cartaphillus, Murcia, España, 9, p. 87-97, 2011.

COSTA LIMA, Luiz. Aproximação de Jorge Luis Borges. *In*: COSTA LIMA, Luiz. **Trilogia do controle**: O controle do imaginário; Sociedade e discurso ficcional; O fingidor e o censor. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 683-723.

COSTA LIMA, Luiz. **Sob a face de um bruxo**. REEL, Vitória, s. 1, a. 5, p. 1-73, 2009.

COSTA LIMA, Luiz. **Frestas: a teorização em um país periférico**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Logique du sens**. Paris: Éditions de Minuit, 1969.

DERRIDA, Jacques. Economimesis. Transl. by R. Klein. **Diacritics**, Baltimore, USA, vol. 11, n. 2, p. 2-25, 1981.

FRANCO, Gustavo. "Uma Introdução à economia do *Fausto* de Goethe". *In*: BINSWANGER, Hans Christoph. **Dinheiro e magia**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Prefácio e posfácio de Gustavo H. B. Franco. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 9-50.

GONZÁLEZ, Darío. **Borges et l'économie des idées**. *Variaciones Borges*, Pittsburgh, 7, p. 28-49, 1999.

INFANTE, Ignacio. **Abominable mirrors**: on the "macabre" hyperfictions of Jorge Luis Borges. *Variaciones Borges*, Pittsburgh, 12, p. 193-232, 2001.

KEFALA, Eleni. **Borges and narrative economy**: conservative formalism or subversion of signification? *Variaciones Borges*, Pittsburgh, 18, p. 219-228, 2004.

LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe. **A imitação dos modernos**: ensaios sobre arte e filosofia. FIGUEIREDO, Virgínia de Araujo; PENNA, João Camillo (Orgs.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LÖWY, Michael. Weber, Marx e a “Jaula de aço”. In: LÖWY, Michael. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17-57.

MICELI, Sergio. **Vanguardas em retrocesso**: ensaios de história social e intelectual do modernismo hispano-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PLATÃO. **A República**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2016.

PREMAT, Julio. **Borges utopista y los narradores del fin de siglo argentino**. Variaciones Borges, Pittsburgh, 50, p. 149-165, 2020.

SARLO, Beatriz. **Borges pregunta sobre el orden**. Punto de Vista, Buenos Aires, n. 43, p. 17-20, 1992.

SHELL, Marc. The Issue of Representation. In: WOODMANSEE, Martha & OSTEEN, Mark (Eds). **The New Economic Criticism**. London-New York City: Routledge, 1999, p. 53-74.

SHELL, Marc. **The Economy of Literature**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1978, cap.3: “The Golden Fleece and The Voice of The Shuttle”, p. 89-112.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. José Marcos M. de Macedo; Ed. Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões e a consideração intermediária**. Trad. Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2006.

---

<sup>i</sup> Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Bolsista da FAPEMIG. Agradeço aos professores Sergio Miceli, Jorge de Almeida, Aline M. Pinto, Marcus V. Freitas, Myriam Ávila, Roberto Said, Graciela Ravetti e Sara Rojo.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8608-0002>

E-mail: [brenoandmiranda@gmail.com](mailto:brenoandmiranda@gmail.com)

**Recebido em 06/05/2022**

**Avaliado em 08/07/2022**



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)